



Caso Arruda pode “travar capacidade” de recrutamento

Autoridades recolheram mais de 20 malas que terão sido furtadas pelo deputado em Lisboa e Ponta Delgada

Se na semana passada André Ventura estava em gestão de danos, tentando convencer Miguel Arruda a renunciar ao seu mandato e falando num comportamento exemplar da liderança do Chega, as intervenções desta semana foram um regresso ao ‘normal’: Ventura, a disparar para todos os lados, posicionou o partido como um denunciante, atacou José Pedro Aguiar-Branco e os jornalistas e procurou centrar a discussão num alegado

e-mail aos serviços da Assembleia da República.

O caso do deputado não inscrito difere de outras instâncias em que membros do Chega, incluindo o próprio líder, foram alvo de investigações judiciais e criminais. Para Ricardo Marchi, especialista em direita radical no ISCTE e autor de um livro sobre o Chega (que mereceu críticas de parte da academia por alegada “higienização” do partido), este escândalo é diferente dos restantes, porque “uma série de dados empíricos aumentou o envolvimento e a gravidade do deputado”, tornando-se “viral em meios *mainstream* e nas redes sociais”.

“O problema dos radicais é que promovem a sua imagem como atores moralizadores da cena política”, diz o investigador, mas não acredita, contudo, que o escândalo de Miguel Arruda possa ter grandes consequências eleitorais. Primeiro, porque “não estamos no início de uma campanha”. E também houve alguma “sorte” para o Chega, pois o caso foi tornado público ao mesmo tempo que outras situações de difícil gestão para o BE, o PS e o Governo.

O investigador, no entanto, acrescenta que, se estes problemas com a justiça de militantes do Chega continuarem a acontecer, e se não praticar

uma “triagem rigorosa das pessoas que entram no partido”, isso poderá “travar a capacidade do partido de cooptar elementos de qualidade da sociedade civil”, algo que é “vital para sustentar o seu crescimento e construir uma estrutura de qualidade”. “Muitas pessoas, eventualmente disponíveis a aproximarem-se do Chega, podem ficar de pé atrás”, admitiu.

Entretanto, Miguel Arruda pareceu confirmar uma relação de proximidade com Mário Machado, líder do movimento neonazi 1143, durante uma conversa em que uma dupla de comediantes se fez passar por uma organização

fictícia. O grupo, conhecido pelo nome de Jovem Conservador de Direita, procurou ganhar a confiança do deputado no telefonema, levando Arruda a dizer: “Pertencem ao Mário” — com os comediantes a deixarem claro na conversa que por “Mário” se estavam a referir a Mário Machado. O deputado, contudo, nega essa relação em resposta ao Expresso: “Foi uma paródia.”

Miguel Arruda não terá roubado bagagens apenas no aeroporto de Lisboa. Nos últimos meses, o deputado terá furtado também malas de passageiros de modo aleatório no aeroporto de Ponta Delgada, em São Miguel, onde tem re-

sidência. A PSP apreendeu em sua casa seis malas, juntamente com o seu conteúdo, que tinham desaparecido daquele aeroporto. Ao que o Expresso sabe, depois das buscas nas duas casas e no Parlamento, as autoridades têm na sua posse mais de 20 malas e sacos de viagem.

No entanto, ainda não chegou ao Parlamento qualquer pedido de levantamento de imunidade parlamentar para Arruda ser interrogado no processo em que é suspeito de vários crimes de furto qualificado.

HÉLIO CARVALHO
e **HUGO FRANCO**
hcarvalho@expresso.imprensa.pt